

61

Compartilhando *regras de fala*:

uma análise da dinâmica de interação na lista eletrônica de discussão

CIBERCULTURA

Maria Elisa Máximo

2003

Antropologia em Primeira Mão é uma revista seriada editada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Visa a publicação de artigos, ensaios, notas de pesquisa e resenhas, inéditos ou não, de autoria preferencialmente dos professores e estudantes de pós-graduação do PPGAS.

Universidade Federal de Santa Catarina

Reitor: Rodolfo Pinto da Luz. Diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas: João Lupi. Chefe do Departamento de Antropologia: Alicia N. González de Castells. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Rafael José de Menezes Bastos. Sub-coordenador: Márnio Teixeira Pinto.

Editor responsável

Rafael José de Menezes Bastos ISSN 1677-7174

Comissão Editorial do PPGAS

Carmen Sílvia Moraes Rial
Maria Amélia Schmidt Dickie
Oscar Calávia Sáez
Rafael José de Menezes Bastos

Solicita-se permuta/Exchange Desired

Conselho Editorial

Alberto Groisman
Aldo Litaiff
Alicia Castells
Ana Luiza Carvalho da Rocha
Antonella M. Imperatriz Tassinari
Dennis Wayne Werner
Deise Lucy de O. Montardo
Esther Jean Langdon
Ilka Boaventura Leite
Maria José Reis
Márnio Teixeira Pinto
Miriam Hartung
Miriam Pillar Grossi
Neusa Bloemer
Silvio Coelho dos Santos
Sônia Weidner Maluf
Theophilos Rifiotis

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Copyright

Todos os direitos reservados. Nenhum extrato desta revista poderá ser reproduzido, armazenado ou transmitido sob qualquer forma ou meio, eletrônico, mecânico, por fotocópia, por gravação ou outro, sem a autorização por escrito da comissão editorial.

No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording or otherwise without the written permission of the publisher.

Toda correspondência deve ser dirigida à
Comissão Editorial do PPGAS
Departamento de Antropologia,
Centro de Filosofia e Humanas – CFH,
Universidade Federal de Santa Catarina,
88040-970, Florianópolis, SC, Brasil
fone: (0.XX.48) 331. 93.64 ou fone/fax (0.XX.48) 331.9714
e-mail: ilha@cfh.ufsc.br
www.antropologia.ufsc.br

Catálogo na Publicação Daurecy Camilo CRB-14/416

Antropologia em primeira mão / Programa de Pós
Graduação em Antropologia Social, Universidade
Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)- .—
Florianópolis : UFSC / Programa de Pós Graduação em
Antropologia Social, 1995 -
v. ; 22cm

Irregular
ISSN 1677-7174

1. Antropologia – Periódicos. I. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em
Antropologia Social.

Compartilhando *regras de fala*: uma análise da dinâmica de interação na lista eletrônica de discussão CIBERCULTURA¹

Maria Elisa Máximo*

Resumo

Este trabalho busca se integrar ao conjunto de estudos que consideram a “sociedade da informação” como marca da contemporaneidade e que se empenham em investigar os processos de formação social no “ciberespaço”. Parte-se da análise sobre a dinâmica de interação na lista eletrônica de discussão Cibercultura-L, criada com o objetivo de constituir um canal de discussão permanente dos fenômenos sociais e culturais engendrados no “ciberespaço”. A observação da troca de mensagens entre os participantes da Cibercultura-L mostrou que a lista constituiu um espaço de sociabilidade no interior do qual são compartilhados códigos sociais específicos manifestando a existência de um grupo que se define enquanto “comunidade”. Sob a perspectiva da Etnografia da Fala, as interações desenroladas na Cibercultura-L foram analisadas como *eventos comunicativos* governados por *regras* de uso e interpretação de um sistema de linguagem próprio – construído, em parte, para contornar as limitações do meio – cujo aprendizado define a *competência comunicativa* que unifica os participantes da lista em uma *comunidade de fala*. A negociação em torno dessas regras ocorre no cotidiano das interações na lista caracterizando um processo constante de construção da identidade do grupo. A Cibercultura-L se configura, assim, como um espaço simbólico que coexiste com outros espaços, igualmente simbólicos, que, juntos, fazem do “ciberespaço” mais uma dimensão da vida social contemporânea caracterizada pela interação entre grupos e segmentos sociais diferenciados.

Introdução

A pesquisa que apresento neste *paper* iniciou-se num momento em que a Internet recentemente chegara ao Brasil e que começaram a surgir as primeiras reflexões em torno de suas potencialidades para a comunicação e o acesso à informação. A Internet chega ao Brasil em 1989, vinte anos após esta ter surgido, na sua forma embrionária, interligando quatro computadores em grandes centros de pesquisa norte-americanos. As iniciativas de integrar o país à rede mundial de computadores partiram de fundações ligadas à pesquisa

¹ Este artigo constitui a versão final do *paper* apresentado no GT 22 – “Sociedade da Informação: redes sociais, fundamentos da sociabilidade e transformações dos processos políticos” do XXVI Encontro Anual da ANPOCS (2001), coordenado por Tom Dwyer (UNICAMP), Francisco Coelho dos Santos (UFMG) e Theophilos Rifiotis (UFSC).

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social/UFSC (<memaximo@cfh.ufsc.br>).

que viam crescer a necessidade de intensificar os contatos entre nossos pesquisadores e as instituições científicas estrangeiras. A criação da Rede Nacional de Pesquisa (RNP) em 1992 organizou e ampliou o acesso à Internet para que, em 1995, fosse liberada a operação comercial da rede no Brasil. A cooperação se mostrou desde o início como uma das marcas da Internet, primeiramente devido à ampliação das possibilidades de busca, processamento e armazenamento de informações. Além do mais, a abertura física de canais de comunicação possibilitava o compartilhamento de recursos e a ampliação das parcerias, aproximava os pesquisadores e ampliava as possibilidades de constituição de grupos de pesquisa transdisciplinares e transinstitucionais (Rifiotis, 1999, p. 162), fazendo do contexto acadêmico um dos principais meios de socialização da rede no Brasil.

Diante desse contexto, iniciei minha pesquisa buscando identificar padrões de comportamento na utilização da Internet para a cooperação científica a partir da observação de algumas listas eletrônicas de discussão acadêmica², uma vez que estas começavam a ser bastante utilizadas pelos pesquisadores brasileiros visando o estabelecimento de vínculos e a ampliação dos canais de comunicação para o desenvolvimento de pesquisas em cooperação. No entanto, a pesquisa revelou que a dinâmica social nas listas de discussão extrapolava o objetivo inicial da cooperação científica, dando lugar à sociabilidade. No decorrer das observações pôde-se compreender que o compartilhamento de recursos e informações era apenas uma dimensão da utilização dessa modalidade de comunicação, sendo que estas se constituíam também como espaço de sociabilidade no sentido de ampliar os meios para o contato pessoal entre seus usuários. Enquanto que algumas listas se caracterizavam pelo intenso envio de propagandas e anúncios científico (anúncios de congressos, simpósios, lançamentos de livros, *call for papers*, etc.), em outras as interações entre seus usuários se mostravam constantes, evidenciando a existência de códigos de sociabilidade que apontavam para a formação de grupos sociais nesses espaços.

O estudo da cooperação científica na Internet representou, portanto, uma primeira aproximação com as formas de sociabilidade produzidas na comunicação mediada por computador. Na medida em que a rede se expandia, somavam-se às listas de discussão outras modalidades que estavam sendo elaboradas, voltadas sobretudo para a comunicação

² As listas eletrônicas de discussão constituem modalidades assíncronicas de comunicação mediada por computador, gerenciadas por softwares especializados, os *Mailing Lists Manager* (MLM), que efetivam os pedidos de assinaturas e redistribuem as mensagens que chegam a cada lista para o conjunto de seus assinantes. Cada lista de discussão possui um “owner” que a administra e, dependendo do tipo de lista, controla os conteúdos enviados.

sincrônica, fazendo da Internet uma nova dimensão de sociabilidade característica da sociedade contemporânea. Com a multiplicação das modalidades de comunicação mediada por computador, (CMC) o “ciberespaço”, já conhecido na ficção científica, ganha visibilidade, caracterizando-se enquanto um espaço socialmente construído pelas interações que se estabelecem na Internet do qual emergem novos agrupamentos sociais e no qual se atualizam outras redes já estabelecidas em outras dimensões da vida social contemporânea.

Estudando a sociabilidade no Ciberespaço

Por sua capacidade de multiplicar relações sociais é que a Internet se tornou um espaço privilegiado de reflexões para as Ciências Sociais, em especial para a Antropologia que, ao se voltar para o estudo das chamadas Sociedades Complexas, desenvolveu um instrumental metodológico e conceitual eficaz para a investigação de grupos inseridos em contextos amplos e que mantêm sua unidade por meio de laços de relacionamento e de significados socialmente partilhados. Dentre os trabalhos que surgem nesse contexto, ressalto as pesquisas de cunho etnográfico sobre as formas de construção social nos espaços de sociabilidade da Internet como a de Elizabeth Reid (1991) sobre o IRC e de Richard MacKinnon (1992), sobre os newsgroups USENET. Reid (1991) procurou investigar as formas de constituição das chamadas “comunidades virtuais” a partir da interação entre os usuários do *Internet Relay Chat* que, segundo a autora, acabam construindo estratégias simbólicas que permitem o compartilhamento de uma rede de significados verbais e textuais, apontando para a constituição de uma cultura comum. Sendo assim, os grupos que se estabelecem nesses espaços de sociabilidade podem ser pensados enquanto “comunidade”. MacKinnon (1992) analisa sob abordagem semelhante os *newsgroups*, destacando que nesses espaços os usuários constroem *personas* cuja manifestação somente é possível através da construção de sistemas de linguagem específicos que supram as limitações do meio e orientem o cotidiano das interações através de regras e normas de comportamento.

Seguindo esta perspectiva é que foi fundado em 1998, no Departamento de Antropologia da UFSC, o Grupo de Estudos em Ciberantropologia³, voltado para o estudo e

³ Coordenado pelo Prof. Dr. Theophilos Rifiotis, o GrupCiber conta atualmente com a participação de quatro membros: Renata Apgaua Britto e a autora desse artigo, ambas alunas do Doutorado em Antropologia Social, além de Ana Maria Alves Carneiro da Silva (Mestre em Sociologia/UNICAMP) e Mário José Lopes Guimarães Jr. (Mestre em Antropologia pelos PPGAS/UFSC e doutorando na Brunel University, Londres).

investigação das formas de sociabilidade produzidas na Internet, através das diversas modalidades de comunicação mediada por computador. No quadro deste grupo Guimarães Jr. (2000) enfocou a interação entre um grupo de usuários do Palace⁴, analisando-o a partir de sua performance cotidiana. Trata-se de um espaço no qual as *personas* são representadas por “avatares”⁵, que apresentam uma aparência e se movimentam no espaço do canal estabelecendo performances físicas. Segundo o autor, para garantir seu pertencimento às redes de relações sociais cada *persona* busca construir uma trajetória relativamente estável dentro do grupo. Sendo assim, as redes de sociabilidade se mantêm coesas por meio da interação contínua entre os membros do grupo, constantemente renovado pela entrada e saída de usuários.

Foi também neste quadro que a pesquisa que apresento aqui teve sua continuidade. Uma vez percebido o potencial das listas eletrônicas de discussão para a formação de grupos sociais, restavam questões em torno das formas pelas quais esses grupos se mantinham e sobre como os participantes dessas listas orientavam suas relações sociais diante das especificidades do meio. Tais questões pautaram a pesquisa que culminou com a elaboração de minha dissertação de mestrado⁶, sobre a qual se apóia este *paper*. Para isso foi preciso eleger uma lista que permitisse a observação das interações continuadas entre os participantes, uma vez que aquelas estudadas anteriormente apresentaram um caráter bastante efêmero. O objetivo era, então, elencar aspectos específicos da sociabilidade produzida neste espaço a partir dos quais fosse possível analisar o processo de formação social de um grupo na Internet.

Criada com o intuito de reunir pessoas interessadas em discutir as particularidades da “cibercultura” no Brasil e no mundo, a lista eletrônica de discussão Cibercultura⁷ se

⁴ O Palace é um serviço de comunicação que utiliza a estrutura da Internet funcionando através do modelo cliente-servidor: cada usuário instala em seu computador um software cliente de Palace, de acordo com seu sistema operacional e tipo de computador. Este software cliente, por sua vez, comunica-se com o programa servidor instalado em provedores de acesso à Internet públicos ou privados. Esses servidores estão ligados uns aos outros formando redes de Palace às quais o usuário se conecta após ter instalado o programa cliente em seu computador, podendo escolher um de seus canais e interagindo com outros usuários através de uma imagem e um *nickname*.

⁵ O conceito de “avatar” foi utilizado por Guimarães Jr. (2000) para designar as imagens através das quais o usuário se apresenta e se movimentam nos ambientes multimídia do Palace.

⁶ Intitulada “Compartilhando regras de fala: interação e sociabilidade na lista eletrônica de discussão Cibercultura” e defendida no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFSC em fevereiro de 2002.

⁷ Lista eletrônica de discussão criada no quadro do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Faculdade de Comunicação/UFBA. Para evitar confusões entre o nome da lista de discussão e a noção “cibercultura”, optou-se por se referir à primeira utilizando um modelo de nomeação de listas bastante usado na Internet: o acréscimo da abreviação de *List* ao nome da lista. Assim, a lista eletrônica de discussão Cibercultura passará a ser designada neste trabalho por Cibercultura-L.

apresentou como um espaço de sociabilidade no interior do qual as relações sociais são orientadas por códigos sociais compartilhados pelos participantes. Neste sentido, a análise de suas interações aponta para a construção de uma cultura própria que os unifica enquanto “comunidade”. A pesquisa se desenvolveu, então, a partir do estudo etnográfico das interações desenvolvidas na Cibercultura-L, buscando identificar os códigos e analisá-los na forma como estes se associam ao processo de constituição social do grupo.

Um primeiro aspecto a ser considerado diz respeito ao tratamento do *corpus*, constituído por 2.264 mensagens⁸ que circularam na Cibercultura-L no período de julho de 1996 a janeiro de 2001. As mensagens foram analisadas de acordo com as situações comunicativas em que apareciam, ou seja, associadas aos seus respectivos *fiões topicais*. Um *fião topical* é entendido aqui em relação ao desenvolvimento de um determinado assunto, o tópico⁹, em uma cadeia de respostas (McCleary, 1996). Na medida em que se desenvolvem, os fiões tendem a se ramificar pela abordagem de assuntos específicos relacionados ao assunto original, gerando uma segunda categoria, a de *teia topical*. Uma *teia topical* consiste, portanto, num conjunto de *fiões* relacionados entre si pelas ligações coesivas entre as mensagens. Assim, a dinâmica social da lista se desdobra em várias *teias topicais* autônomas que se iniciam, se desenvolvem e se esgotam independentemente, sem nenhum laço aparente. Uma vez que grande parte dos assuntos abordados pertence ao universo semântico da lista, eles podem ser retomados em outros *fiões*, o que não significa a continuidade da mesma teia. A importância dessas categorias está em permitir a análise da sociabilidade na lista Cibercultura a partir de cada evento comunicativo (Hymes, 1972a) nela desenvolvido, uma vez que cada *teia topical* pode ser entendida como um *evento* independente.

Um segundo aspecto diz respeito à abordagem teórica que pautou a pesquisa. Sendo as listas de discussão modalidades de comunicação mediada por computador nas quais o texto é o principal meio de expressão, a tendência é que os participantes de cada lista criem, no cotidiano das interações, estratégias de linguagem específicas que contornem algumas limitações do meio e, ao mesmo tempo, caracterizem os grupos. Orientada por

⁸ Esse número não corresponde à totalidade das mensagens trocadas entre os participantes da lista de discussão Cibercultura desde sua criação, pois questões de ordem técnica fizeram com que parte das mensagens não pudesse ser recuperada.

⁹ De acordo com McCleary (1996), é considerado *topical* qualquer mensagem que seja de interesse do grupo, estando ou não associada ao tema da lista.

códigos essencialmente textuais, a dinâmica de interação da Cibercultura dá origem a um sistema simbólico que, em última instância, deve ser apreendido pelos participantes como indicador de pertença ao grupo. O conjunto desses códigos envolve regras de “como falar”, “o que falar” e “quando falar” que sinalizam a *competência comunicativa* necessária para interagir na lista e ser considerado um membro do grupo. Por isso optou-se por analisar a dinâmica de interação da Cibercultura a partir da Etnografia da Fala, impulsionada por Dell Hymes na década de 60.

A Etnografia da Fala consiste numa abordagem teórico-metodológica que relaciona a linguagem aos valores sociais e culturais do grupo estudado e que, portanto, está preocupada em tratar situações, padrões e funções da fala enquanto uma atividade desenvolvida no seu próprio registro (Hymes, 1972a). Parte-se do princípio que qualquer padrão comunicativo está sempre relacionado ao contexto no qual foi produzido (Saville-Troike, 1982, pp. 11/12). Ao partir de uma abordagem semiótica que define a “cultura como significado” e considera que a etnografia está, na verdade, lidando com sistemas simbólicos, a Etnografia da Fala reconhece que a linguagem é apenas um desses sistemas e, por isso, interpretar o significado do comportamento comunicativo de um grupo pede que se considere o conjunto de significados no qual ele está incluído (Geertz, 1973 *apud* Saville-Troike, 1982, p. 22).

Pensada nesse sentido, a linguagem serve privilegiadamente para criar e reforçar fronteiras, unificando seus falantes em uma *comunidade de fala* singular e excluindo os “de fora” do intragrupo de comunicação (Hymes, 1972 *apud* Saville-Troike, 1982, p. 5). A *competência comunicativa* oferece, portanto, o ponto de interação entre a linguagem e a vida social, estando diretamente relacionada com o conceito de *competência cultural*, ou seja, com tudo que envolve o conjunto total de conhecimentos e habilidades que os falantes trazem para uma determinada situação comunicativa. A *competência comunicativa* se refere, finalmente, aos conhecimentos e práticas para uso e interpretação contextual da fala, compartilhados por uma “comunidade”. Uma *comunidade de fala* é definida, então, pela *competência comunicativa* esperada de seus membros, ou seja, pelo compartilhamento de códigos e regras específicos para conduzir e interpretar a fala (Hymes, 1972^a, p. 54).

A Cibercultura-L foi analisada, então, como um espaço de sociabilidade que abriga uma *comunidade de fala*, concebida enquanto tal pelo fato de seus participantes

compartilharem de um conjunto de códigos e regras construídos e negociados nos processos interativos que define, em última instância, sua *competência comunicativa*. É justamente essa *competência* que confere um caráter *comunitário* ao grupo de participantes que se mostrou bastante heterogêneo tanto em termos de níveis de participação quanto de interesses.

A dinâmica de participação na lista Cibercultura

Antes de falarmos das estratégias comunicativas construídas e compartilhadas na Cibercultura-L se faz necessário considerar, brevemente, alguns aspectos relativos à dinâmica de participação, que se tornaram evidentes no processo de consolidação desse espaço de sociabilidade. A existência de diferentes níveis de participação remete para a possibilidade de analisarmos esta “comunidade”, composta por 256 membros, como formada por diferentes grupos que se inter-relacionam.

O conjunto de “fundadores” constitui o segmento mais ativo, contando com quatro participantes que enviaram, no período da pesquisa, aproximadamente 30% das mensagens que formam o *corpus*. Eles centralizam as discussões movimentando a lista e constituem, de fato, o grupo mais envolvido na negociação cotidiana das regras que orientam o convívio nesse espaço. Dentre esses participantes é preciso destacar o *owner* que intervém na maioria das discussões e, além disso, está constantemente sugerindo temas para serem discutidos pelo grupo. Ele representa uma espécie de “animador” da lista e, por isso, teve papel fundamental no seu processo de consolidação. Um segundo segmento bastante ativo é formado por outros seis participantes que também intervêm intensamente na lista, tendo enviado durante a pesquisa aproximadamente 18% do total de mensagens analisado. Estes dois segmentos representam o primeiro nível de participação identificado na Cibercultura-L que se destaca por movimentar a dinâmica interativa da lista. Entre esses participantes é que se estabelecem as redes de relações sociais mais densas, sendo importante considerar que os contatos entre eles muitas vezes preexistem à lista e nela encontram mais um espaço de atualização.

Um segundo nível de participação é determinado por aqueles que, apesar de não pertencerem ao grupo dos “mais ativos”, participam freqüentemente, em geral motivados por interesses específicos dentro do universo temático da lista. Muitos integram as redes de

relações sociais que se estabelecem privilegiadamente entre os pertencentes ao primeiro nível. Num terceiro nível estão aqueles que participaram esporadicamente ou que enviaram apenas uma mensagem para a lista em todo o período da pesquisa. Na verdade, estes participantes constituem uma espécie de “platéia” para aqueles que participam ativamente das discussões.

A análise desses níveis de participação mostrou que quase 50% das mensagens enviadas para a lista partem de apenas dez participantes. Isto indica a presença de um grupo diferenciado, principal responsável pela atividade da lista e, portanto, pela manutenção do grupo. Além do mais, esses níveis de participação apontam para a complexidade desse grupo, cujos membros são motivados por interesses específicos e estabelecem entre si diferentes redes de relações sociais que variam em grau de intensidade. Trata-se de um grupo heterogêneo cuja unidade é alcançada pelo compartilhamento de códigos sociais e regras de interação que, em última análise, definem a *competência comunicativa* esperada dos participantes como critério de pertencimento à “comunidade”.

A lista de discussão Cibercultura: primeiros aspectos de um espaço de sociabilidade

A partir da abordagem da Etnografia da Fala foi possível aprofundar as análises iniciais. Os códigos identificados passaram a ser pensados em conformidade com o processo de constituição do grupo e como parte de um sistema de linguagem próprio construído e compartilhado pelos participantes. A Cibercultura-L passou a ser vista, então, como uma pequena *comunidade de fala* na qual se desenvolvem *eventos comunicativos* cuja unidade básica é a mensagem. Tal perspectiva ampliou as possibilidades de investigação uma vez que, de acordo com Hymes (1972b) a mensagem já subentende uma série de critérios relacionados à competência comunicativa. Esses critérios incluem os códigos através dos quais a mensagem é inteligível para os participantes; um tópico ou comentário que diga algo sobre alguma coisa de interesse de grupo; uma forma definida ou modelo para a mensagem e; minimamente um remetente, um destinatário e um *evento*, este último constituído pela transmissão e caracterizado por um *canal* ou, melhor dizendo, por um meio (ibid., p. 25). Em última instância, o conceito de mensagem subentende “como falar”, “o que falar” e “quando (e para quem) falar” pressupondo, portanto, o compartilhamento de *modos de fala* construídos nos termos de uma lógica inerente à

modalidade de comunicação. De acordo com esta abordagem, a análise das mensagens trocadas na Cibercultura-L indicou os aspectos que contribuem para a realização e atualização da dinâmica social do grupo, caracterizando a lista enquanto uma *comunidade de fala*.

Os primeiros aspectos identificados nesse sentido dizem respeito principalmente às estratégias construídas pelos participantes para a superação das limitações do meio. Em função da incompatibilidade entre linguagens de softwares gerenciadores de e-mail, era comum que os acentos utilizados nos textos das mensagens não fossem codificados corretamente, fazendo com que as mensagens viessem permeadas de marcações indecifráveis. Estes problemas com a acentuação, por exemplo, levaram à negociação explícita entre os participantes sobre como resolvê-los, já que o fluxo da comunicação estava sendo prejudicado. A adoção de estratégias que contornassem a ausência dos acentos quando estes fossem imprescindíveis para o entendimento da mensagem, deu origem a um sistema de regras específico considerado mesmo com a supressão gradual dos problemas de incompatibilidade de softwares. Entre as estratégias mais comuns está a substituição do acento agudo pela letra “h” (*é* passa a ser *eh*; *está* passa a ser *estah*; etc.). Muitas outras estratégias são criadas em função da necessidade da acentuação para o entendimento efetivo da Língua Portuguesa. Essas práticas vêm combinadas com a abolição de outros acentos ou sinais gráficos para os quais nenhuma alternativa foi criada. A adoção permanente dessas formas alternativas de acentuação por alguns participantes da Cibercultura-L caracterizam uma tentativa de marcar um *status* diferenciado perante o grupo. É possível, portanto, interpretá-las como regras de uso e interpretação da fala que integram a *competência comunicativa* esperada dos membros desta comunidade.

A predominância do texto na comunicação em listas eletrônicas de discussão e nas demais modalidades de CMC baseadas em texto levou os usuários à criação de estratégias específicas para a expressão do humor. O uso de letras maiúsculas, por exemplo, enfatiza o que está sendo dito: qualquer texto escrito inteiramente com letras maiúsculas pode ser entendido, de acordo com cada situação, como um grito, uma manifestação de raiva, uma afronta, um xingamento ou expressão de alegria e entusiasmo. Essa diversidade de significações que o uso das letras maiúsculas pode adquirir aponta para a importância do contexto da interação na interpretação dos códigos compartilhados em um dado grupo.

A forma mais comum de expressão de humor nas modalidades de CMC baseadas em texto é o uso dos “emoticons”. Também conhecidos por *smiles*, os “emoticons” são elementos gerados a partir de caracteres de pontuação, de ortografia e de escrita do teclado e servem para convencionar ação, emoção e ênfase. Constituem-se como aspectos não-verbais das modalidades de comunicação predominantemente textuais, integrando os diferentes sistemas simbólicos construídos em cada espaço de sociabilidade da Internet. Um dos emoticons mais utilizados é o :-), que, visualizado da esquerda para a direita representa uma face sorrindo. Além desses, muitos *smiles* circulam na rede e são renovados constantemente.

Ao surgir as primeiras modalidades de comunicação mediada por computador, grupos de usuários em todo o mundo buscaram desenvolver guias de convivência na Internet, visando uma certa normatização dos comportamentos nas situações comunicativas configuradas na rede. Este movimento deu origem ao que conhecemos por “netiqueta”, a “etiqueta da rede”. Apesar de apresentarem características comuns, estes guias são singulares na medida em que incluem regras construídas em função da língua e, por que não, de padrões culturais específicos de cada país aonde a Internet chegou. Neste sentido, a “netiqueta” ganha feições próprias em cada grupo, em cada contexto interativo. Esta observação converge com a abordagem da Etnografia da Fala segundo a qual os padrões e regras comunicativas devem ser interpretados contextualmente, mesmo que alguns códigos sejam compartilhados em outras *comunidades* dentro de um mesmo *campo de fala* (Hymes, 1972a), como é o caso das estratégias de escrita e expressão de humor descritas acima. A dimensão da “netiqueta” que nos interessa aqui é, portanto, aquela construída e negociada constantemente pelos participantes da Cibercultura-L, cuja análise foi realizada em conformidade com o contexto e a dinâmica social específica deste espaço de sociabilidade.

O padrão de comunicação da Cibercultura-L

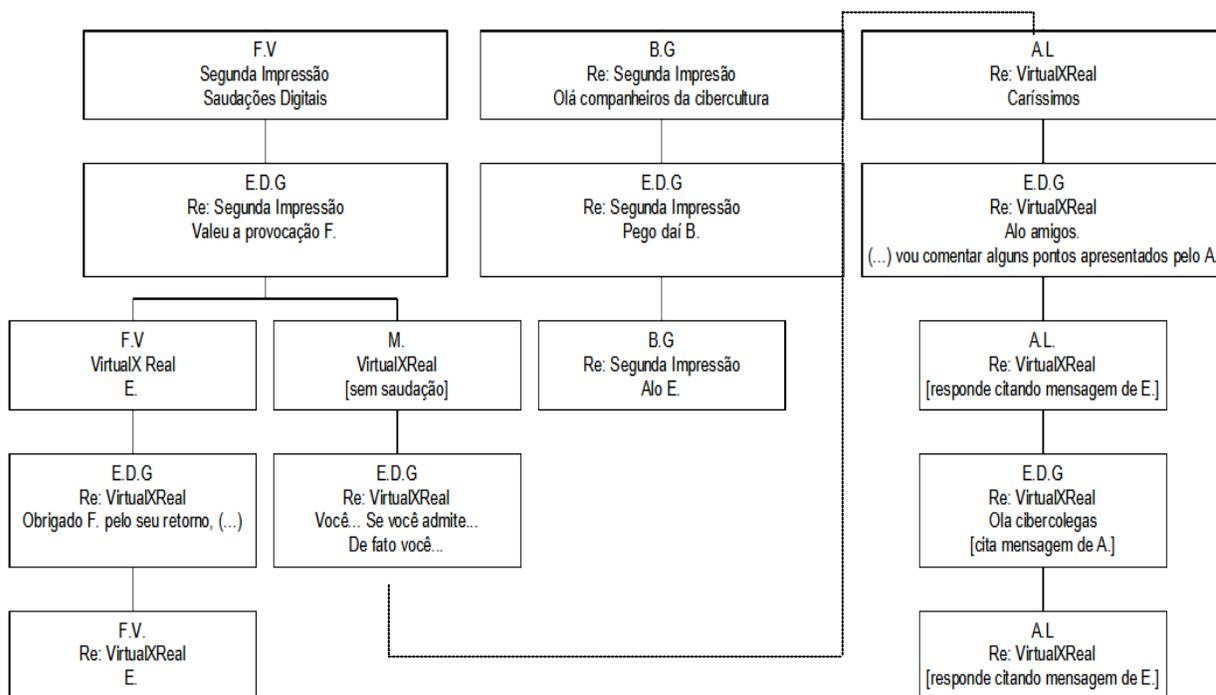
Seguindo o desenvolvimento das *teias topicais*, foram identificados aspectos relativos ao modelo de mensagem encontrado na Cibercultura-L que, associados às estratégias já mencionadas, revelam um padrão de comunicação compartilhado. Esse padrão de comunicação caracteriza a sociabilidade produzida neste espaço e toma lugar no processo de construção da identidade do grupo. Estou falando da *saudação*, *citação* e

assinatura, que funcionam como marcas de coesão entre as mensagens de cada *fio topical* e, ao mesmo tempo, explicitam e caracterizam as redes de relações sociais que se estabelecem na Cibercultura-L.

Por *saudação* se entende as formas pelas quais os participantes endereçam suas mensagens que variam, na Cibercultura-L, de forma mais ou menos sistemática. Ao iniciar um *fio* sugerindo um tópico para a discussão, os participantes tendem a endereçar suas mensagens ao conjunto total de participantes da lista, utilizando-se de expressões que caracterizam o grupo como “Alo Cibers”; “Caros Cibercultura” ou “Ciber colegas”, etc. No desenvolvimento de uma discussão a tendência é que os participantes passem a endereçar suas mensagens diretamente àqueles a quem estão respondendo. Assim, a *saudação* pode ser vista simultaneamente sob duas perspectivas: ao mesmo tempo em que indica a abertura de um turno, sinalizando o início de uma atividade de fala, ela aponta para as relações sociais que cada participante estabelece no grupo durante as discussões. Na medida em que essas relações se estabelecem, os *fios* vão sofrendo desvios, apontando para a formação das *teias topicais*. Geralmente, cada *fio* representa a interação entre dois participantes em torno de um aspecto específico do tópico em questão. O diagrama¹⁰ abaixo ilustra a dinâmica do uso da *saudação* a partir do desenvolvimento de uma *teia topical*, mostrando como que em cada *fio* ocorre uma espécie de diálogo entre dois participantes em torno de um desvio temático do tópico original¹¹.

¹⁰ Cada caixa do diagrama contém na primeira linha, os nomes abreviados dos participantes; na segunda linha, o *subject* tal qual aparecem no cabeçalho das mensagens remetendo para o tópico em discussão e na terceira linha, referências às *saudações*.

¹¹ De acordo com os princípios éticos da pesquisa, decidi por usar apenas as iniciais dos nomes dos participantes uma vez que, para fins descritivos, é necessário que se tenha um indicador de suas identidades para tornar compreensível alguns aspectos da dinâmica de interação na lista Cibercultura-L. Os outros elementos que identificam os participantes, como o endereço eletrônico, serão substituídos por variáveis.



CIBERCULTURA 02/1997: Diagrama ilustrativo do uso das saudações

Como se pode ver no esquema, em algumas mensagens combinam-se as duas formas de *saudação*: dirige-se primeiramente ao grupo para, em seguida, remeter-se diretamente a alguém em particular. De acordo com McCleary (1996) as *saudações* podem ser interpretadas como *marcas de coesão* no desenvolvimento dos *fios topicais*, orientando os participantes na dinâmica das discussões uma vez que o fluxo cronológico das mensagens não apresenta coesão. Afinal, trata-se de uma modalidade assíncronica de CMC. Por constituir um aspecto revelador das redes de relações sociais tecidas no cotidiano das interações na Cibercultura-L, a análise das *saudações* permitiu uma aproximação mais sistemática com a dinâmica social do grupo.

Diretamente relacionada às *saudações* está um segundo aspecto relacionado ao padrão de comunicação na Cibercultura-L: a *citação*. Por *citação* se entende a referência direta a alguns trechos específicos da mensagem que está sendo respondida. Esta prática é facilitada pelo uso do comando *reply* que automaticamente inclui na resposta uma cópia da mensagem original¹². É comum que os participantes editem esta cópia, mantendo apenas alguns trechos que são intercalados com suas mensagens. O caráter dialógico observado primeiramente no uso das *saudações* é, agora, reforçado pela dinâmica da *citação*. A

¹² As citações vêm, geralmente, automaticamente demarcadas pelo sinal “>” devido ao uso do comando reply.

citação pode fazer, ela mesma, o papel da *saudação* quando a última não é utilizada, explicitando a quem e a qual mensagem o participante se refere no fluxo do *fio topical*. Para ilustrar essa dinâmica vamos retomar um dos *fios* que compõe o diagrama citado anteriormente, realçando a articulação entre a *citação* e a *saudação*. As referências necessárias para identificar os participantes estão em negrito.

<p>De: B.G. Subject: Re: Segunda Impressão</p>	<p>Ola companheiros da cibercultura, modestamente, o que tenho a dizer eh que as fronteiras entre real e virtual sao ao meu ver cada vez mais tenuous. numerosos grupos politicos utilizam a rede como um novo forum politico. para estes grupos, a rede constitui um espaco privilegiado. diferente das demais mídias, na grande rede, eles nao tem suas palavras editadas ou sujeitas a distorcoes. (...) Abracos, B.G.</p>
<p>De: E.D. Subject: Re: Segunda Impressão</p>	<p>>modestamente, o que tenho a dizer eh que as fronteiras entre real e virtual sao ao meu ver cada vez mais tenuous. numerosos grupos politicos utilizam a rede como um novo forum politico. para estes grupos, a rede constitui um espaco privilegiado. diferente das demais mídias, na grande rede, eles nao tem suas palavras editadas ou sujeitas a distorcoes. Pego dai B., Ontem refletia sobre essa questao dos grupos politicos que se utilizam da rede, conforme voce citou. E pensava: quais sao esses grupos politicos? Sera que de fato vivemos a tecnodemocracia, onde, (...) pelo menos muitos grupos, (...), ja tem acesso a dizer o que de fato pensam os seus discursos? (...) Mas as questoes entre o virtual e o real continuam abertas. Abraco a todos. E.D. .</p>
<p>De: B.G. Subject: Re: Segunda Impressão</p>	<p>> Pego dai B., >Ontem refletia sobre essa questao dos grupos politicos que se utilizam da rede, conforme voce citou. E pensava: quais sao esses grupos politicos? Sera que de fato vivemos a tecnodemocracia, onde, (...) pelo menos muitos grupos, (...), ja tem acesso a dizer o que de fato pensam os seus discursos? (...) Alo E. , estou de acordo com voce, principalmente no que tange a se estabelecer um perfil do usuario da web. (...). existem aqueles que navegam de bobeira, os que usam para trabalho, os vIRCiados, e os que congregam todas essas caracteristicas. quanto aas suas indagacoes sobre os grupos politicos. os sites que citei são de grupos que vivem aa margem, quando nao totalmente excluidos do cenário politico. vale a pena visitah-los, (...) Abracos, B.G.</p>

Através das *citações* as falas são constantemente retomadas e ressignificadas pelos participantes no processo interativo, dando origem a um intertexto resultante da ação colaborativa do grupo. Essa intertextualidade revela o caráter dialógico da comunicação na Cibercultura-L, sendo a *citação* um código através do qual os participantes sinalizam a

alternância de turnos de fala: através da *citação* cada participantes indica para o grupo a partir de qual fala ele está iniciando a sua. Esta prática imprime à comunicação na lista uma característica de oralidade, fazendo com que modos escritos e modos orais se combinam em uma mesma modalidade: a lista eletrônica de discussão. Em última análise, as *citações* representam marcas de coesão na comunicação, pois fornecem o ponto de contato com o que veio antes no desenvolvimento de cada *fio topical*.

Um último aspecto relacionado ao padrão de comunicação nesta lista é constituído pelas formas de *assinatura* identificadas nas mensagens. São duas as formas, sendo elas a *assinatura* pelo nome ou apelido ou pelo uso do “carimbo”. Por “carimbo” se entende a assinatura eletrônica que alguns softwares de e-mail permitem criar, anexando-as automaticamente ao final de cada mensagem enviada. Cada uma dessas formas de *assinatura* remete para características distintas e complementares da dinâmica de interação na Cibercultura-L. A primeira delas aponta para a informalidade cultivada no grupo, sendo geralmente precedidas de expressões que lembram tanto os encerramentos de conversas telefônicas como os das cartas escritas – “Um abraço”, “Abraços”, “Abraços a todos”, “saudações”, “Um beijo”. Estas expressões são, às vezes, substituídas pelos respectivos “emoticons”, revelando uma tentativa de caracterizar a interação na lista através do uso de elementos próprios do meio.

Nos “carimbos”, por outro lado, os participantes têm a possibilidade de publicar informações profissionais, como a instituição ou entidade na qual ou para a qual trabalham, além de números de telefones, *fax*, endereços de *sites*, outros e-mails, etc. Os “carimbos” podem ser adornados com figuras e faixas elaboradas a partir de caracteres do teclado, incluindo frases ou palavras de efeito, muitas vezes envolvendo o universo da “cibercultura”.

A.L.
<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/xxx>
 "...when old technologies were new..." (Carolyn Marvin)
 "La Toile c'est souvent le World Wild Wait." (Le Petit Bouquet)

 []'s
 c.m.
 paz, amor, tecnologia e groove!
<http://www.pragatecno.al.org.br>
<http://www.transmidia.al.org.br>

O uso do “carimbo”¹³ foi interpretado sob duas perspectivas. Por ser um recurso automatizado, a presença do “carimbo” tende a ser esquecida na medida em que a lista de discussão se torna um espaço de sociabilidade e a informalidade passa a ser privilegiada nas interações. Por outro lado, o “carimbo” pode representar um artifício técnico usado pelos participantes para explicitar diante do grupo suas posições sociais, tanto no contexto da lista como em outros contextos “off-line”. Essas posições, muitas vezes retomadas nas falas dos participantes, são colocadas constantemente ao grupo pela presença dos “carimbos”. Em meio à informalidade cultivada na lista o “carimbo” pode ser o lugar por excelência para a definição dos universos simbólicos aos quais cada um pertence.

As *saudações*, as *citações* e as *assinaturas* revelam, portanto, um padrão de comunicação compartilhado na lista e apreendido pelos participantes como parte da *competência comunicativa* necessária para interagir no grupo. Trata-se de um conjunto de códigos e regras que integram a “netiqueta” da lista e capacitam os participantes a conduzirem e interpretarem as falas, orientando as relações sociais que se estabelecem no interior desse espaço. Tem-se, assim, uma “netiqueta” específica da Cibercultura-L construída e constantemente renovada através de um processo de negociação entre os participantes, que toma lugar no próprio contexto da interação.

“Topic” e “Off-topic”: negociando a identidade do grupo

A partir do que foi colocado até aqui é possível dizer que os *eventos comunicativos* se desenvolvem na Cibercultura-L em torno de tópicos e são governados por códigos e regras de fala. Analisados em conjunto esses códigos e regras revelam um padrão de comunicação consolidado na própria dinâmica de interação deste grupo.

Um outro importante conjunto de códigos está ligado ao tema da Cibercultura-L. O objetivo explícito da lista é “discutir as particularidades da cibercultura no Brasil e no mundo”. Entretanto, a noção de “cibercultura” parece ser bastante genérica para definir o tema da lista, tornado-se pouco suficiente para informar ao grupo o que pode realmente ser

¹³ No segundo carimbo, a expressão *groove* se refere à sensação produzida pela música eletrônica (*rave*), que possui uma forte ligação com a “cibercultura”, segundo os participantes da lista.

discutido ou publicado nesse espaço. São vários os interesses que motivam os participantes a se inscreverem na lista o que significa, também, que existem vários entendimentos a respeito do que consiste a “cibercultura”. Logo, a pertinência dos tópicos é negociada no cotidiano das interações caracterizando uma busca constante em delimitar o tema da lista e definir o que deve ser considerado “off-topic”¹⁴. Esse processo de negociação dá origem a códigos que capacitam os participantes a situarem suas mensagens de acordo com o tema central da lista. Esses códigos, cujos significados são transmitidos como parte do processo interativo, funcionam como pistas de contextualização e fornecem o *enquadre* no qual o sentido implícito das mensagens deve estar situado. O *enquadre* inclui tanto os tópicos pertinentes ao tema central da lista quanto as formas de abordar tópicos de modo a torná-los pertinentes. É a partir deste *enquadre*, portanto, que as mensagens são consideradas “topics” ou “off-topics”.

Seguindo o desenvolvimento das *teias topicais*, a análise dos processos de negociação do tema remete para dois aspectos distintos que contribuem igualmente para a caracterização da sociabilidade produzida na lista. Um primeiro aspecto consiste na possibilidade de desvio do tema central da Cibercultura-L: as concessões feitas nesse sentido indicam o caráter sociável da lista. Na medida em que esta se constitui enquanto um espaço de sociabilidade, as relações sociais que se estabelecem entre os participantes passam para o primeiro plano, independentemente do conteúdo. De acordo com Simmel (1983), a sociabilidade difere das outras formas de sociação porque nela os propósitos e conteúdos objetivos são relegados ao segundo plano, sendo o momento sociável definido principalmente pelo desejo de “estar-junto”. Mesmo existindo o propósito de formar uma unidade social, na sociabilidade a interação se libera de todos os laços com os conteúdos, não objetivando outra coisa senão o momento da conversa (ibid., p.168). É precisamente esta sociabilidade que caracteriza a dinâmica de interação da Cibercultura-L, na medida em que muitos eventos desenvolvidos na lista remetem para este desprendimento em relação aos conteúdos em torno do tema. Um exemplo disso é dado pelos casos em que as mensagens trocadas em um determinado *fio topical* passam para o nível estritamente pessoal. A Cibercultura-L se caracteriza, assim, enquanto um espaço privilegiado para a atualização de relações sociais que, muitas vezes, estabelecem-se em contextos extra-lista.

¹⁴ “Off-topic” constitui um termo endógeno às listas eletrônicas de discussão que designa todo assunto abordado que foge do tema central de cada uma delas.

Foi o que aconteceu no *fio* abaixo que ilustra uma espécie de “encontro casual” entre dois participantes da lista.

Date: Mon, 17 Apr 2000 19:19:23 -0200
 From: "Y.T." <xxx@aquicom.br>
 Subject: [CIBERCULTURA:2937] Re: Jornalismo online

> além do site da facom, alguém conhece outros endereços
 sobre curso ou pesquisa >sobre jornalismo online?
 > estudo jornalismo e estou fazendo uma pesquisa para
 montar um seminário sobre >jornalismo online. se alguém
 puder me indicar algum endereço, eu agradeceria.

Ola P.,

da uma olhada em
<http://www.jornalistasdawe.com.br/poynter.htm>
 e um relatorio que analisa como e' a linguagem utilizada
 na internet
 espero que te ajude :-)

Date: Tue, 18 Apr 2000 01:01:31 -0200
 From: L.S. <xxx@ruralrj.com.br>
 Subject: [CIBERCULTURA:2940] Re: Jornalismo online

Y.

Que prazer ler um e-mail seu.

Como vai seu trabalho?

Um grande abraço

[citação da mensagem anterior]

Date: Thu, 20 Apr 2000 19:08:45 -0200
 From: "Y.T." <xxx@aquicom.br>
 Subject: [CIBERCULTURA:2950]

[citação da mensagem anterior]

oi lu, estou em fase de adaptacao ainda :-) consegui
 alugar um ap pertinho da abril e tem MUITO trabalho
 para ser feito por aqui. ainda bem ;-p meu tel aqui na abril
 (11) 000-0000

bjim Jorge

Date: Fri, 21 Apr 2000 01:27:50 -0200
 From: L.S. <xxx@ruralrj.com.br>
 Subject: [CIBERCULTURA:2951] **Para Y.**

Y.

Acabo de participar de uma reuniao com o Mauro e foi super positiva. Te ligo para contar as novidades.
Fico aqui torcendo demais para vc. Um beijinho

CIBERCULTURA-L, 04/2000

O *fió topical* que se desenvolvia anteriormente não foi interrompido. Situações como esta permitem dizer que há um entendimento do grupo quanto ao caráter sociável da lista. Isto faz com que mensagens pessoais nem sempre sejam consideradas “off-topics”. Entretanto, há momentos em que alguém chama a atenção dos participantes para o desvio do tema, como no evento em que alguns comentavam o convite para uma festa de aniversário enviada por um participante do grupo de “fundadores”. O fato acionou o “owner” que interveio, chamando atenção para a existência de regras de convivência na lista. Após o pedido de desculpas de quem enviou a mensagem, o *fió* foi encerrado¹⁵. Este caso faz retomarmos a discussão acerca dos níveis de participação na lista, pois ele revela a importância dos “fundadores” para a manutenção do grupo: por participarem ativamente da lista, suas atitudes servem de exemplo para o restante do grupo, justificando a atitude do “owner”.

Um segundo aspecto identificado no processo de negociação do tema da lista diz respeito aos casos nos quais o envio de um “off-topic” culmina numa situação de conflito entre “contras” e “a favores”. Tais situações são denominadas “flames”, termo endógeno à comunicação mediada por computador que designa as “brigas” ocorridas nos espaços interativos da Internet. Não estamos mais falando das concessões feitas pelos participantes quanto ao envio de mensagens pessoais, mas de eventos singulares, marcados pelo conflito, que se constituem enquanto momentos de intensa negociação do tema e das regras que tornam uma mensagem pertinente. Para ilustrar essas “flames”, escolhemos um exemplo clássico na história da Cibercultura-L desenvolvido a partir do envio de um artigo sobre a condenação de um bancário brasileiro por ter cometido atitudes racistas contra judeus. A mensagem enviada por L.S. foi criticada pelo “owner” devido ao seu caráter “off-topic”, dando início a um *fió topical* no qual os participantes se posicionavam de acordo com a

¹⁵ Aproveitando esse exemplo, deve-se lembrar que o conjunto de regras explícitas na home-page da lista considera que, diante da necessidade de envio de um “off-topic”, é aconselhável que se acrescente no subject da mensagem a expressão OFF-TOPIC, para aqueles que não estejam interessados possam deletar a mensagem antes dela ser aberta.

atitude do “owner” ou em defesa da participante. Apareceram também aqueles que investiram no término da discussão que se iniciava, apelando para o retorno a “rotina” da lista. No entanto, a “flame” se configurou e nem mesmo as “desculpas” da participante foram suficientes para dar fim à discussão. Ao contrário, a situação estimulou a manifestação até mesmo daqueles que raramente intervêm.

Assim, a “flame” seguiu um desvio gradual: aos poucos se deixou de focalizar o “off-topic” enviado e passou-se à discussão do que vem a ser a “cibercultura”, caracterizando um processo de negociação em torno da pertinência de certos tópicos, dado o universo temático da Cibercultura-L. Em meio à discussão sobre o tema, os participantes sugeriam maneiras de falar que tornassem as mensagens pertinentes como, por exemplo, a inclusão de *links* para *sites* relacionados ao tópico abordado. Outros abordaram o papel de tal polêmica na construção social da lista e do “ciberespaço” como um todo. Houve também, aqueles que acionaram a memória do grupo retomando exemplos de outras mensagens que, segundo eles, também poderiam ser consideradas “off-topics” e não foram.

Subject: [CIBERCULTURA:2270] Desculpas e newbies
 Date: Fri, 27 Aug 1999 15:13:36 -0200
 From: A.G.<xxx@ep-ba.petrobras.com.br>

(...) É difícil para certas pessoas diferenciar entre "tema relevante" e "tema da lista".

Acho interessante isso: essas polêmicas que surgem nas listas, as provocações... Isso faz parte da cibercultura? Ou esses conflitos são inerentes à adaptação das pessoas a um novo meio que, fisicamente, não é novo? (Afinal digitamos de um meio muito familiar: nossa mesa de trabalho... - mas o meio da discussão é outro, e "virtual").
Parece que cada um se sente "dono do pedaço".

Subject: [CIBERCULTURA:2271] Re: Desculpas
 Date: Fri, 27 Aug 1999 15:54:53 -0200
 From: n. <xxx@ez-poa.com.br>

[reply da mensagem [CIBERCULTURA:2268] Re: Desculpas]

Em geral não me manifesto, mas depois da indignação da L. e da resposta de que seu tema é off-topic como me

calar?;? Seria o primeiro caso de off-topic por aqui? Será que alguém poderia confirmar isto sem ruborizar? Com certeza não seria. Afinal aqui parece se discutir desde de previsões catastróficas de nostradamus que não me consta que tivesse previsto a Internet(e por vezes acho que se confirmaram até demais, só que ninguém quer ver), até anúncio de festa Rave(realmente um assunto de extrema relevância a questão da cultura no cyberspace, somente eu e mais alguns é que não percebemos). Ou quem sabe a editora deste ou daquele livro de Julio Cortazar denominado "jogo de amarelinhas" seria importante? (editaram online por um acaso?;? E isto seria possível?;?) Como diziam os antigos, quem não tiver pecados que jogue a primeira pedra. Com certeza não serei eu...
N.P.

CIBERCULTURA-L, 27/08/1999

O acionamento desta “memória” da lista é facilitado, em parte, pela natureza da modalidade, que permite o arquivamento sistemático das mensagens enviadas. No entanto, essas lembranças somente são reativadas em situações específicas como esta, auxiliando no processo de negociação do tema da lista. Aos poucos os participantes manifestavam o desejo de retorno à rotina da lista, com “off-topics” ou não.

Subject: [CIBERCULTURA:2279] RES: Re: Desculpas
Date: Sat, 28 Aug 1999 12:32:52 -0200
From: R.F.<xxx@sc.usp.br>

Olá para todos!!!

Até hoje nunca me manifestei, e fico sempre a apreciar as saudáveis contribuições de todos....mesmo as chamadas "off-topics"...

Mas, agora acho que essa discussão já passou dos limites. Explico...

Venho recebendo inúmeras mensagens da lista nos últimos dias apenas sobre "desculpas", justificativas, etc... Por favor gente, vamos voltar a discutir a Cibercultura e assuntos afins (off-topics ou não), ao invés de ficarmos nos dirigindo à pessoa deste ou daquele participante?!?!?!? Já não vejo a hora de voltar a recebe artigos, notícias, etc.....

Obrigado,

R. J. F.

CIBERCULTURA-L, 30/08/1999.

Em defesa de sua atitude, L. se empenhou em argumentar sobre a importância de relativizar a idéia de “off-topic”, principalmente diante de assuntos como aquele abordado em sua mensagem. Chega o momento em que o “owner” intervém novamente na discussão, respondendo isoladamente cada mensagem enviada até então, propondo sempre que o envio de “off-topics” seja evitado. Como justificativa para suas argumentações, ele resgata o caráter “comunitário” da Cibercultura-L e a necessidade que se tem de preservá-lo.

Subject: [CIBERCULTURA:2292] Re: Desculpas
Date: Sun, 29 Aug 1999 10:59:47 -0200
From: "A.L." <xxx@svn.com.br>

Temos que ter cuidado com isso para não desmontar nossa pequena comunidade. Please, vamos fazer um esforço para não mandar off-topics e assim evitar que estejamos em disputa e enchendo o trash...

CIBERCULTURA-L, 29/08/1999.

O “owner” investe na importância do tema, chamando a atenção dos participantes para os motivos que os levaram à participar da lista. Seu argumento baseia-se na idéia de que o tema constitui o principal interesse comum à todos que estão na lista, ou seja, o elemento que os une em uma “comunidade”. Nesse sentido, o “owner” aparece como uma espécie de “consciência do grupo”, responsável pelo resgate das regras quando isso se faz necessário. Por exercer este papel de “guardião da tradição”, o “owner” tem papel fundamental para a manutenção do grupo, tanto quanto teve para sua consolidação. Nesta “flame”, assim como nas outras, sua intervenção motiva outras participações, sempre no sentido de reforçar a importância do tema para a manutenção da lista enquanto uma “comunidade”.

Diante deste evento brevemente descrito, pode-se dizer que o envio de um “off-topic” representa, em muitos casos, apenas um gatilho para uma discussão muito mais ampla, isto é, a discussão em torno dos limites do tema da lista. Entre os participantes circulam várias concepções acerca da “cibercultura” e esse não-consenso é explicitado em situações limites como a “flame”. Por outro lado, boa parte dos participantes concorda que

o tema é, talvez, o aspecto que os unifica, pois define o interesse comum entre todos que decidiram, em algum momento, participar da lista. Além do mais, o tema é o elemento fundador do grupo, é por ele que perpassa toda sua “memória”. É o tema que confere à lista uma identidade. Conseqüentemente, fugir dele pode representar um risco para a identidade do grupo.

O conflito que caracteriza a “flame” está, nesse sentido, longe de ser um elemento desintegrador. Ele constitui, na verdade, um elemento fundamental na produção da sociabilidade na lista uma vez que, a partir dele, é resgatado o “sentido de comunidade” compartilhado pelos participantes, mas que não é explicitado no dia-a-dia. Segundo Simmel, o conflito é tão necessário à vida do grupo quanto o consenso, pois ele possibilita a unificação de um grupo heterogêneo proporcionando momentos coletivizantes que transcendem o momento e o propósito do próprio grupo (Simmel, 1983, p.159). Na rotina diária das interações os participantes tendem a privilegiar as relações sociais que estabelecem, entre si, no espaço da lista. Entretanto, extrapolar os limites do tema pode, em determinados momentos, fazer com que o grupo veja ameaçado o principal elemento que o unifica e que lhe confere uma identidade. As “flames” se apresentam como momentos de negociação explícita dessa identidade e revelam-se, portanto, enquanto um aspecto fundamental da construção da “comunidade” que a Cibercultura-L abriga.

Compartilhando regras de fala: interação e sociabilidade na lista eletrônica de discussão Cibercultura

A análise dos eventos comunicativos ocorridos na Cibercultura-L durante o período desta pesquisa permite considerar, finalmente, que seus participantes compartilham de códigos sociais e regras de interação que podem ser pensados como maneiras específicas de uso e interpretação da fala, definindo assim a *competência comunicativa* que os capacita para interagirem nesta *comunidade de fala*. As limitações e especificidades impostas pelo meio levam os participantes a construir estratégias comunicativas cuja análise revela a existência de uma “netiqueta” própria da lista e aponta para a competência comunicativa necessária para interagir no grupo. O aprendizado destas estratégias constitui, portanto, um indicador na pertença à comunidade de fala, permitindo que elas sejam concebidas como *regras*. O primeiro conjunto de regras identificado envolve as formas de expressão do

humor, como os “emoticons” e os códigos relativos ao uso de letras maiúsculas, e as alternativas de acentuação. Somando este primeiro conjunto às práticas de *saudação, citação e assinatura*, temos o padrão de comunicação compartilhado pelo grupo. Esse padrão de comunicação combina aspectos da comunicação escrita e oral, caracterizando um sistema de linguagem que é construído no seu próprio registro. As *saudações* e as *assinaturas*, ao mesmo tempo em que aproximam os e-mails das cartas tradicionais, remetem para elementos presentes na comunicação oral como as aberturas e fechamentos de turno. Ao saudar, o participante dirige seu “olhar” para aquele com quem está interagindo, seja o grupo como um todo, seja alguém em especial, abrindo um turno da conversação. As *assinaturas* têm, por sua vez, o papel de encerrar ou pré-encerrar este turno, que poderá ser retomado no desenvolvimento do *fio topical*. Nos “carimbos”, os participantes evidenciam as posições sociais que ocupam em outros contextos da vida social, possibilitando que uns se identifiquem com outros de acordo com interesses específicos, envolvimento profissionais e particulares possibilitando, assim, a construção das relações sociais no espaço da lista. Através das mensagens os “carimbos” circulam automaticamente na lista e se configuram como um espaço de silêncio, de um “não dito” que, no entanto, possui tanto valor comunicativo quanto as falas dos participantes.

As *citações*, finalmente, contribuem para a construção de um estado de informação que deve ser conhecido por todos para o andamento das discussões. Através delas, as falas são constantemente retomadas e ressignificadas num processo interativo, cujo resultado é um intertexto construído pela atividade colaborativa dos participantes. Essa intertextualidade imprime um aspecto dialógico à comunicação na lista.

O padrão comunicativo identificado na análise da dinâmica de interação na Cibercultura-L revela, portanto, um conjunto de *pistas de contextualização* que capacita cada participante a sinalizar para o grupo as pressuposições sociais em termos das quais suas mensagens devem ser interpretadas (Gumperz, 1998). Um outro conjunto dessas *pistas* diz respeito ao tema da lista. Saber reconhecer a pertinência dos tópicos a serem discutidos também faz parte da *competência comunicativa* esperada dos participantes. Uma mensagem é considerada “off-topic” quando não se reconhece nenhuma dessas *pistas* e o tema central da lista é extrapolado, criando uma situação favorável para o desenvolvimento de “flames”. Diante da ausência de consenso acerca do que define a “cibercultura”, essas “flames”

caminham, geralmente, para a negociação do próprio tema da lista que constitui o elemento em torno do qual a identidade do grupo é definida.

O conflito constitui, portanto, um momento de confirmação da identidade do grupo e de todos os códigos, implícitos e explícitos, relativos ao “como falar”, “quando (e para quem) falar” e “o que falar”. Ou seja, o conflito é um elemento integrador do grupo que leva à negociação da regras que compõem a *competência comunicativa* necessária para pertencer a “comunidade”. Como já foi falado, trata-se de um grupo heterogêneo no interior do qual são tecidas diferentes redes de relações sociais, que variam em seus graus de intensidade e cujos participantes são motivados por diferentes interesses. Diante dessa heterogeneidade, a Cibercultura-L pode ser concebida como uma *comunidade* complexa, constituída por várias fronteiras simbólicas e permeáveis definidas a partir das diferentes redes de relações sociais que se estabelecem entre seus membros. Neste caso, a *competência comunicativa* constitui um sistema simbólico que cumpre o importante papel de unificar todos em uma *comunidade de fala* que, por sua vez, é muito mais uma entidade social do que uma entidade puramente lingüística (Hymes, 1972a, p. 54).

Muitos desses códigos e regras identificados na análise da dinâmica de interação na Cibercultura-L e analisados como constitutivos da especificidade deste grupo podem se apresentar de forma semelhante em outras listas de discussão, na simples troca de e-mails privados ou, até mesmo, em outras modalidades de comunicação mediada por computador. Nesse sentido, um dos possíveis desdobramentos desta pesquisa é investigar até que ponto os aspectos relativos à sociabilidade produzida na Cibercultura-L não remetem para características gerais da dinâmica comunicativa em listas eletrônicas de discussão. Entretanto, nossa análise permite dizer que, mesmo podendo ser identificados em outros grupos, esses aspectos só adquirem significado no contexto específico da dinâmica social de cada grupo. Sendo assim, a *comunidade* formada pelos participantes da Cibercultura-L compartilha de um sistema de significados autônomo que define sua prática cotidiana e permite que ela se expresse num sistema de relações simbólicas mais abrangente, constituído pelas outras *comunidades* que coabitam no “ciberespaço”.

A coexistência de diferentes espaços simbólicos como este configurado pelas interações continuadas entre os participantes da Cibercultura-L, faz do “ciberespaço” mais uma dimensão da vida social contemporânea e nos coloca diante de um fenômeno típico

das chamadas “sociedades complexas”. Essas se caracterizam por um intenso processo de interação entre grupos e segmentos diferenciados que formam, cada um, *províncias de significados* nas quais os indivíduos modernos compartilham, por um certo tempo, de uma definição comum da realidade (Velho, 1987 e 1994). Como vimos, são espaços nos quais os indivíduos compartilham de sistemas de significados e linguagem comuns, num processo constante de negociação de uma realidade compartilhada que constitui a prova da própria existência desses conjuntos de pessoas enquanto grupos sociais.

Referências Bibliográficas

GUIMARÃES, Mário J. L. *Vivendo no Palace: Etnografia de um ambiente de sociabilidade no ciberespaço*. Florianópolis, 2000. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC.

GUMPERZ, J. [1982]. “Convenções de Contextualização”. In: RIBEIRO, Branca T. & GARCEZ, Pedro M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional. Antropologia linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre, Editora AGE, 1998: 31-56.

HYMES, Dell. “Modelos da Interação da linguagem e vida social”. In: HYMES & GUMPERZ. *Directions on sociolinguistics*, New York, Holt, Rinehart and Winston, INC., 1972a: 35-72.

HYMES, Dell. “Toward Ethnographies of Communication: The Analysis of Communicative Events”. In: GIGLIOLI, Pier Paolo. *Language and Social Context*, Penguin Books, 1972b: 21-44.

MACCLEARY, Leland. *Aspectos de uma Modalidade de Discurso Mediado por Computador*. São Paulo, 1996. Tese de Doutorado em Linguística, USP.

MACKINNON, Richard C. *Searching for the Leviathan in Usenet*. Dissertação de Mestrado, Department of Political Science, San Jose State University, 1992.

MÁXIMO, M. Elisa. *Novos Caminhos de Socialização na Internet. Um estudo das listas eletrônicas de discussão*. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 22^a, UnB, Brasília, 2000.

MÁXIMO, M. Elisa. *Internet: novos caminhos de socialização. Um estudo das listas de discussão*. Florianópolis, 1998. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Ciências Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC.

MÁXIMO, M. Elisa. *Compartilhando regras de fala: interação e sociabilidade na lista eletrônica de discussão Cibercultura*. Florianópolis, 2002. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

REID, Elizabeth M. *Electropolis: Communication and Community On Internet Relay Chat*. Adaptação da *Honours Thesis*. Departamento de História, Universidade de Melbourne (Austrália), 1991.

RIFIOTIS, Theophilos. “Redes de informação e cooperação do campo das violências”. In: *Texto&Contexto*, vol.8, n.2, Florianópolis, UFSC, 1999: 149-168.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. “Basic Terms, Concepts and Questions”. In: *The Ethnography of Communication*. Na Introdução, London (UK) e Cambridge (USA), Blackwell, 1982.

SIMMEL, Georg. “Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal”. In: MORAES F., Evaristo (org.). *Simmel: sociologia*. São Paulo, Editora Ática, 1983: 165-181.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*, Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*, Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

ANTROPOLOGIA EM PRIMEIRA MÃO

Títulos publicados

1. MENEZES BASTOS, Rafael José de. A Origem do Samba como Invenção do Brasil: Sobre o "Feito de Oracão" de Vadico e Noel Rosa (Por que as Canções Têm Música?), 1995.
2. MENEZES BASTOS, Rafael José de e Hermenegildo José de Menezes Bastos. A Festa da Jaguatirica: Primeiro e Sétimo Cantos - Introdução, Transcrições, Traduções e Comentários, 1995.
3. WERNER Dennis. Policiais Militares Frente aos Meninos de Rua, 1995.
4. WERNER Dennis. A Ecologia Cultural de Julian Steward e seus desdobramentos, 1995.
5. GROSSI Miriam Pillar. Mapeamento de Grupos e Instituições de Mulheres/de Gênero/Feministas no Brasil, 1995.
6. GROSSI Miriam Pillar. Gênero, Violência e Sofrimento - Coletânea, Segunda Edição 1995.
7. RIAL Carmen Sílvia. Os Charmes dos Fast-Foods e a Globalização Cultural, 1995.
8. RIAL Carmen Sílvia. Japonês Está para TV Assim como Mulato para Cerveja: Imagens da Publicidade no Brasil, 1995.
9. LAGROU, Elsie Maria. Compulsão Visual: Desenhos e Imagens nas Culturas da Amazônia Ocidental, 1995.
10. SANTOS, Sílvia Coelho dos. Lideranças Indígenas e Indigenismo Oficial no Sul do Brasil, 1996.
11. LANGDON, E Jean. Performance e Preocupações Pós-Modernas em Antropologia 1996.
12. LANGDON, E. Jean. A Doença como Experiência: A Construção da Doença e seu Desafio para a Prática Médica, 1996.
13. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Antropologia como Crítica Cultural e como Crítica a Esta: Dois Momentos Extremos de Exercício da Ética Antropológica (Entre Índios e Ilhéus), 1996.
14. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Musicalidade e Ambientalismo: Ensaio sobre o Encontro Raoni-Sting, 1996.
15. WERNER Dennis. Laços Sociais e Bem Estar entre Prostitutas Femininas e Travestis em Florianópolis, 1996.
16. WERNER, Dennis. Ausência de Figuras Paternas e Delinquência, 1996.
17. RIAL Carmen Sílvia. Rumores sobre Alimentos: O Caso dos Fast-Foods, 1996.
18. SÁEZ, Oscar Calavia. Historiadores Selvagens: Algumas Reflexões sobre História e Etnologia, 1996.
19. RIFIOTIS, Theophilos. Nos campos da Violência: Diferença e Positividade, 1997.
20. HAVERROTH, Moacir. Etnobotânica: Uma Revisão Teórica. 1997.
21. PIEDADE, Acácio Tadeu de C. Música Instrumental Brasileira e Fricção de Musicalidades, 1997
22. BARCELOS NETO, Aristóteles. De Etnografias e Coleções Museológicas. Hipóteses sobre o Grafismo Xinguano, 1997
23. DICKIE, Maria Amélia Schmidt. O Milenarismo Mucker Revisitado, 1998
24. GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade, 1998
25. CALAVIA SÁEZ, Oscar. Campo Religioso e Grupos Indígenas no Brasil, 1998
26. GROSSI, Miriam Pillar. Direitos Humanos, Feminismo e Lutas contra a Impunidade. 1998
27. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Ritual, História e Política no Alto-Xingu: Observação a partir dos Kamayurá e da Festa da Jaguatirica (Yawari), 1998
28. GROSSI, Miriam Pillar. Feministas Históricas e Novas Feministas no Brasil, 1998.
29. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Músicas Latino-Americanas, Hoje: Musicalidade e Novas Fronteiras, 1998.
30. RIFIOTIS, Theophilos. Violência e Cultura no Projeto de René Girard, 1998.
31. HELM, Cecília Maria Vieira. Os Indígenas da Bacia do Rio Tibagi e os Projetos Hidrelétricos, 1998.
32. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Apùap World Hearing: A Note on the Kamayurá Phono-Auditory System and on the Anthropological Concept of Culture, 1998.
33. SÁEZ, Oscar Calavia. À procura do Ritual. As Festas Yaminawa no Alto Rio Acre, 1998.
34. MENEZES BASTOS, Rafael José de & PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo: Sopros da Amazônia: Ensaio-Resenha sobre as Músicas das Sociedades Tupi-Guarani, 1999.
35. DICKIE, Maria Amélia Schmidt. Milenarismo em Contexto Significativo: os Mucker como Sujeitos, 1999.

36. PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo. Flautas e Trompetes Sagrados do Noroeste Amazônico: Sobre a Música do Jurupari, 1999.
37. LANGDON, Esther Jean. Saúde, Saberes e Ética – Três Conferências sobre Antropologia da Saúde, 1999.
38. CASTELLS, Alicia Norma Gonzáles de. Vida Cotidiana sob a Lente do Pesquisador: O valor Heurístico da Imagem, 1999.
39. TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Os povos Indígenas do Oiapoque: Produção de Diferenças em Contexto Interétnico e de Políticas Públicas, 1999.
40. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part I), 2000.
41. LANGDON, Esther Jean. Saúde e Povos Indígenas: Os Desafios na Virada do Século, 2000.
42. RIAL, Carmen Silvia Moraes e GROSSI, Miriam Pillar. Vivendo em Paris: Velhos e Pequenos Espaços numa Metrópole, 2000.
43. TASSINARI, Antonella M. I. Missões Jesuíticas na Região do Rio Oiapoque, 2000.
44. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Authenticity and Divertissement: Phonography, American Ethnomusicology and the Market of *Ethnic Music* in the United States of America, 2001.
45. RIFIOTIS, Theophilos. Les Médias et les Violences: Points de Repères sur la "Réception", 2001.
46. GROSSI, Miriam Pillar e RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Urban Fear in Brazil: From the Favelas to the Truman Show, 2001.
47. CASTELLS, Alicia Norma Gonzáles de. O Estudo do Espaço na Perspectiva Interdisciplinar, 2001.
48. RIAL, Carmen Silvia de Moraes. 1. Contatos Fotográficos. 2. Manezinho, de ofensa a troféu, 2001.
49. RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Racial and Ethnic Stereotypes in Brazilian Advertising. 2001
50. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part II), 2002.
51. RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do Ciberespaço. Questões Teórico-Metodológicas sobre Pesquisa de Campo e Modelos de Sociabilidade, 2002.
52. MENEZES BASTOS, Rafael José de. O Índio na Música Brasileira: Recordando Quinhentos anos de esquecimento, 2002
53. GROISMAN, Alberto. O Lúdico e o Cósmico: Rito e Pensamento entre Daimistas Holandeses, 2002
54. MELLO, Maria Ignez Cruz. Arte e Encontros Interétnicos: A Aldeia Wauja e o Planeta, 2003.
55. SÁEZ Oscar Calavia. Religião e Restos Humanos. Cristianismo, Corporalidade e Violência, 2003.
56. SÁEZ, Oscar Calavia. Un Balance Provisional del Multiculturalismo Brasileño. Los Indios de las Tierras Bajas en el Siglo XXI, 2003.
57. RIAL, Carmen. Brasil: Primeiros Escritos sobre Comida e Identidade, 2003.
58. RIFIOTIS, Theophilos. As Delegacias Especiais de Proteção à Mulher no Brasil e a «Judicialização» dos Conflitos Conjugais, 2003.
59. MENEZES BASTOS, Rafael José. Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part III), 2003.
60. REIS, Maria José, María Rosa CATULLO e Alicia N. González de CASTELLS. Ruptura e Continuidade com o Passado: Bens Patrimoniais e Turismo em duas Cidades Relocalizadas, 2003.
61. MÁXIMO, Maria Elisa. Sociabilidade no "Ciberespaço": Uma Análise da Dinâmica de Interação na Lista Eletrônica de Discussão "Cibercultura", 2003.